

PROFESSOR, EU DEVO ENSINAR OU NÃO ENSINAR GRAMÁTICA NA ESCOLA? EIS A QUESTÃO! O PONTO CHAVE PARA O INÍCIO DA NOSSA DISCUSSÃO!

Ricardo Santos David¹

Resumo: Neste artigo científico pretendemos discutir o ensino atual de gramática na sala de aula, enfatizamos a importância da contextualização dos aspectos linguísticos relevantes ao ensino, da prática de texto e do respeito que se deve ter a todas as formas de uso da língua não só a norma padrão, mas também outras que o aluno tenha o contato com diferentes formas de se falar e escrever na própria língua. Pretende-se desmitificar o pensamento de que o uso da norma-padrão dá *status* e poder ao falante. Como procedimento metodológico, é feita a revisão bibliográfica de forma a mostrar as semelhanças que os autores citados no texto têm acerca da definição do termo gramática e da real importância do aprendizado das normas gramaticais. São apresentados alguns pontos que dificultando e desestimulam o trabalho com língua materna em sala de aula. Sugerem-se algumas práticas que podem ser aplicadas no ensino de língua materna, fazemos com o que aluno se torne ativo na aquisição de seu conhecimento, e não um mero expectador do processo ensino e aprendizagem. Por fim, queremos mostrar sim, a real e verdadeira importância para o falante o nosso aluno algumas considerações que sejam de real valor para que isso não fique somente na escola, mas que todos vejam que o saber falar e escrever são importantes para a vida e no cotidiano.

Palavras-chave: Gramática. Norma Padrão. Normas Gramaticais. Língua Materna.

Abstract: *This article discusses the grammar teaching in the classroom, emphasizing the importance of context, the practice of text and the respect that society should have for all forms of language use. We intend to demystify the thought that the standard pattern gives status and power to the speaker. As a methodological procedure, we do the bibliographic review showing the similarities that the authors cited in the text have about the definition of grammar and about the real importance of learning grammar rules. They are presented some points that difficult and discouraging the work with mother language in the classroom. There are some suggestions about practices that can be applied in the teaching of mother tongue, becoming the students active in the acquisition of their knowledge, and not being a mere spectator the teaching and learning.*

Keywords: *Grammar. Standard Pattern. Grammar Rules. Mother Tongue.*

Introdução

Este artigo científico pretende discutir algumas questões que abrangem o ensino da gramática nas escolas, além de avaliar o porquê de esta ser, algumas vezes, tão repudiada.

Avaliando a leitura feita acerca deste assunto, percebeu-se que o ensino da gramática, ou melhor, das normas e exceções que esta postula, não é muito bem-vindo.

¹ Pós-Doutorado em Educação: Formação de Professores e Psicologia Educacional: FCU - Florida Christian University / EUA. Mestrado e Doutorado em Educação: Formação de Professores e Novas Tecnologias. Especialista em Docência do Ensino Superior e linguística aplicada, pela Universidade Candido Mendes - Rio de Janeiro. Coordenador e Pesquisador do Centro de Estudos da Língua(gem) pela Uniatlantico - Espanha. Endereço eletrônico: ricardosdavid@hotmail.com

Ao mesmo tempo, também se observaram críticas quanto à inaptidão dos alunos diante da necessidade que estes têm de escrever ou mesmo de falar.

Entendendo a gramática apenas como o ensinamento de regras que se mostram isoladas de um contexto ou da realidade, é pertinente a concordância com tais ditos negativos. Porém, se é feita a associação entre o ensino de gramática e a realidade dos alunos e se é dado ênfase de que é possível e justo valorizar as várias formas de comunicação, o ensino de gramática passa a ser visto como um diferencial e um direito do aluno, já que este está dentro do ambiente escolar, ou seja, local de aprendizado.

Franchi², linguista extremamente capacitado para falar de gramática e do universo escolar, diz:

Não faz sentido contrapor uma linguagem erudita a uma linguagem vulgar, nem tentar substituir uma pela outra. Trata-se de levar a criança a dominar outra linguagem, por razões culturais, sociais e políticas bastante justificáveis (FRANCHI *apud* POSSENTI, 2008, p. 30).

É possível ensinar gramática de forma que ela seja operativa, e não passiva, pois não é sua função (pelo menos, não deveria ser) servir, apenas, como aplicação de regras.

Algumas definições para o termo: gramática da norma culta ou variante popular

Nesta seção são apresentadas, sob o olhar de alguns estudiosos, algumas definições para o termo *gramática* e o que se percebe é certa semelhança em tais apontamentos.

Ainda citando Franchi (*apud* POSSENTI, 2008, p. 15), constata-se que o estudioso define gramática como o aprimoramento de uma condição inerente ao ser humano – já nascer predisposto a fazer uso da linguagem. O convívio social e o próprio avançar dos tempos promovem o amadurecimento do uso da linguagem, e esta já vem acompanhada de uma estrutura gramatical. Portanto, já nascemos com a gramática internalizada, independente do ambiente escolar.

Para Possenti (2008, p. 64-66), o termo gramática é definido como um conjunto de regras. Partindo dessa concepção, o autor define três pontos a serem vistos sobre o que seja definir regras:

- a) regras que devem ser seguidas (gramática normativa);
- b) regras que são seguidas (gramática descritiva);
- c) regras que o falante da língua domina (gramática internalizada).

² POSSENTI, Sírio. (Org.). Mas o que é mesmo gramática? São Paulo: Parábola, 2008.

Antunes (2008, p. 25) disserta sobre a possibilidade de se tratar de várias temáticas no que diz respeito à gramática. A autora apresenta os seguintes tipos de gramáticas:

- a) Gramática 1 – funcionamento da língua com base nas regras que a definem;
- b) Gramática 2 – norma culta que segue preceitos instituídos por regras gramaticais;
- c) Gramática 3 – estudo acerca de questões históricas que envolvem a linguagem e a língua.
- d) Gramática 4 – disciplina a ser estudada.
- e) Gramática 5 – análise em relação à estrutura e à adoção de regras que determinam o uso correto da língua.

Dando vivacidade à gramática, Neves (1999, p. 13) elabora a Gramática de Usos³ e esta trata da gramática que é aplicada, viva, explorada pelos usuários. Neste livro, a autora apresenta como a língua é usada pela sociedade, não se preocupando em dizer como a língua *deveria ser usada* pela sociedade.

É possível aprender e ensinar gramática? A real e verdadeira importância para o uso da língua

Dois lados, dois sujeitos, dois agentes – professor e aluno. Quem são essas pessoas que, no universo escolar, estão envolvidas com toda complexidade do ensino e da aprendizagem de línguas? Quais os seus desejos, anseios, necessidades? O que ambos podem aprender um com o outro?

Muitos alunos se posicionam diante da disciplina de Língua Portuguesa, dizendo ser difícil aprender as regras gramaticais; muitos professores se queixam de que os alunos escrevem mal por não conhecerem tais regras. Talvez seja possível interpretarmos tais falas, analisando a seguinte afirmação: a gramática pela gramática não se justifica; portanto, também não justifica o ensino de língua portuguesa.

É na escola que o aluno encontrará conhecimento – sem sombra alguma de dúvidas –, mas é necessário, senão imprescindível, que ele veja aplicabilidade naquilo que estuda; e a língua portuguesa, por ser aquela que prepara os alunos para o aprendizado de todas as outras disciplinas, deve ser para o aluno uma referência, e não um (ou mais um) obstáculo a ser vencido. É mais do que necessário mostrar aos alunos

³ NEVES, M^a Helena de Moura. Gramática de Usos. São Paulo: UNESP, 1999.

que é pela língua que a cultura é transmitida, perpetuada, construída, sendo a própria língua a cultura de um povo.

Todo aluno tem direito à informação, ao saber. Sonegar informação é cometer grave crime – o da privação ao desenvolvimento. Ensinar gramática é fundamental, mas o aluno precisa de participar desse processo, agindo de forma viva e entendendo tudo o que ocorre ao redor do ensino de língua portuguesa.

Com razão, o aluno não será atraído pelo aprendizado de uma disciplina que acaba por afastá-lo do aprendizado, visto que decorar nomenclaturas e regras não tem utilidade prática para o aluno.

Possenti (2008, p. 73) expõe com muita propriedade o significado para o termo regras.

Há dois sentidos em que se pode falar de regras: um deles traz a ideia de obrigação. [...] Regras é algo que alguém obedece, sob pena de alguma sanção. É nesse sentido que se fala das regras de etiqueta e do bom comportamento. [...] O outro sentido traz a ideia de regularidade e constância, aproximando-se da noção de lei no sentido de leis da natureza (grifo nosso).

Esse autor enfatiza a relação entre o ensino de gramática e a ideia de *certo e errado*. Saber gramática não tem o valor de mais ou menos “sofisticação mental ou comunicativa” (POSSENTI, 2008, p. 74). A gramática é importante desde que ela possa ser praticada, usada. Fora isso, ela é mera exibição de regras.

No texto “*O uso de relações semânticas na análise gramatical*”, (FRANCHI *apud* POSSENTI, 2008, p. 108)⁴ disserta sobre o uso da paráfrase para justificar o sentido das orações subordinadas adjetivas (restritivas e explicativas). Segue exemplo dado por este autor:

Os japoneses [que são inteligentes e dedicados] dominaram a tecnologia dos computadores.

A sentença acima é ambígua, pois pode ter uma interpretação restritiva e outra explicativa. Franchi diz que, parafraseando ambos os sentidos, fica mais fácil para que os alunos entendam o sentido de restrição e explicação dentro das orações subordinadas adjetivas.

⁴ Este texto foi escrito por Carlos Franchi, Esmeralda Vailati Negrão e Ana Lúcia Müller e mostra que deve haver relação entre estrutura sintática e estrutura semântica para a construção de uma teoria gramatical.

Para que o aluno entenda o que seja uma oração subordinada adjetiva restritiva, as paráfrases adequadas seriam:

- a) Somente os japoneses inteligentes e dedicados (e não os outros japoneses) dominaram a tecnologia dos computadores;
- b) Dentre os japoneses, os que são inteligentes e dedicados dominaram a tecnologia dos computadores.

No que tange ao entendimento do que uma oração subordinada adjetiva explicativa, as paráfrases adequadas seriam:

- a) Os inteligentes e dedicados japoneses (todos os japoneses são inteligentes e dedicados) dominaram a tecnologia dos computadores;
- b) Os japoneses, inteligentes e dedicados, dominaram a tecnologia dos computadores.

Dando valor interpretativo (ou melhor, significativo) ao ensino de gramática, fica mais claro para o aluno entender o uso das regras, pois ele não começa estudando-as, e sim entendendo a aplicabilidade destas.

A gramática só é entendida se for vista e exercitada no texto, pois é no texto que ela se realiza; é no texto que ela vive. Aprender as regras gramaticais por frases soltas é o mesmo que andar de olhos vendados no escuro – é possível que nos localizemos, mas isso será traumático.

A visão do docente de língua portuguesa sobre a realidade educacional

Neves (2005, p. 31)⁵ apresenta o clima reinante entre os professores de Língua Portuguesa. Esses se posicionam diante de sua própria atuação, dos alunos e da instituição escolar. Seguem as análises.

a) O relato diante de suas próprias atuações – ganham mal, trabalham em mais de uma escola, não têm tempo de se aprimorarem, não se consideram respeitados.

b) Diante da atuação dos alunos – os professores não veem empenho e dedicação dos alunos, o comportamento em sala é ruim, são dispersos e não valorizam a oportunidade de aprendizado em sala de aula.

c) Diante das posições adotadas pelas instituições – excesso de burocracia e de trabalho para o professor, condições de trabalho ao professor não condizentes com a função.

⁵ NEVES, M^a Helena de Moura. Gramática na Escola. São Paulo: CONTEXTO, 2005.

A autora continua a discussão mostrando o quê os professores apontam como possíveis soluções para a melhoria no ensino de Língua Portuguesa – cursos de aperfeiçoamento, material didático adequado à realidade do ensino de língua materna, orientação para que novas ações sejam adotadas.

Para a autora, os professores estão muito preocupados se seus alunos conseguem classificar as orações substantivas (2005, p. 31), o que denota uma atenção dada à conquista da nomenclatura. Ou seja, o aluno tem excelente rendimento se consegue classificar uma oração. Mas, é isso que se quer com o ensino de gramática?

Uma nova visão e um outro olhar para o ensino de língua materna

Há um capítulo no livro de Maria Helena de Moura Neves⁶, intitulado *As relações entre a dicotomia: uso x norma e a disciplina gramática* (grifo nosso), que aborda o tratamento dado a ciência da Linguística, enfatizando ser um “pecado” associar uso (*usus*) com rusticidade e norma (*auctoritas*) com urbanidade. Ou seja, não há justificativa para que um modo de falar seja superior ao outro.

Esta autora também destaca a funcionalidade da língua como sendo o ambiente para emersão das normas, isto é, sair do uso contínuo da língua o modelo que deve servir como norma. Portanto, nem à língua nem à norma deve ser dada a noção de autoridade.

Segundo Neves (2008, p. 55), não há motivos para que se descarte a prescrição, pois é necessário que se tenha certo padrão uniforme a seguir. A questão é que tal padrão deva sair de um movimento invertido ao que vemos: do uso para as normas, “sem autoridade de quem quer que seja”.

Trabalhar com as normas é partir da observação, pois, em certos momentos, percebemos que o que está posto na gramática como definição (verbo intransitivo: é aquele que não pede complemento) não deve ser encarado como algo fixo e estático. Será que a oração *Ele agiu* não deixa certa pergunta no ar? Ele agiu como, de que maneira? Será que esta frase não ficaria mais adequada para o entendimento se fosse assim dita: *Ele agiu corretamente / decentemente / cautelosamente?*

⁶ NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.

Ensinar língua materna extrapola, ultrapassa os muros das prescrições, pois não existe norma que consiga representar o que, verdadeiramente, representa o desejo de expressão de uma sociedade.

É indiscutível que a escola deva dar “vivência plena à língua materna” (NEVES, 2008, p. 94) e todas as formas de linguagem devem ser vistas pelo aluno pela importância que todas têm: língua falada e escrita; linguagem padrão e não-padrão. É também função da escola dar ao aluno o direito de ele aprender um encontro com a língua materna que ele não tem em seu ambiente externo – o bom exercício da língua escrita e da norma-padrão.

Sendo assim, é fácil constatar que, na mistura das quatro modalidades, há mais similaridade entre elas que discordância, já que todas devem ser de posse do falante, pois dele é a língua.

Não há motivo ver o ensino da língua como castração e o da língua falada como *terra sem lei*. (NEVES, 2008, p. 109), com muita propriedade, diz:

Uma pergunta é crucial: Não será uma boa lição para os professores de língua pátria o fato de que as crianças e jovens detestam fazer as redações que pedimos, e, no entanto, gostam de entrar na linguagem da Internet, onde à vontade acionam, com caracteres escritos (grifo nosso), suas capacidades de usuário da língua? Exatamente aquelas capacidades inatas que ignoramos quando os submetemos a essa espécie de adestramento.

Tal questionamento deve ser feito para que se possa vislumbrar um ensino de língua materna que se baseie no uso linguístico, privilegiando todos os falares.

Considerações finais

Com os estudos feitos para elaboração deste artigo, evidenciou-se que o ensino de língua materna deve ter várias frentes de ação, isto é, um trabalho que envolva as inúmeras formas de manifestação da linguagem.

E para que isso seja alcançado, é preciso, ao mesmo tempo, dar condições aos professores para aperfeiçoamento e mostrar aos alunos que “todas as formas de falar valem a pena”⁷.

⁷ Parodiando a música *Paula e Bebeto*, de Milton Nascimento e Caetano Veloso.

Não se questionou o ensino da gramática, alegando que ela fosse desnecessária ou irrelevante. O que se quis mostrar foi o modo como esta *mesma gramática* é trabalhada em sala de aula.

O valor do prefixo (*-re*) é bem-vindo na questão que este artigo tratou, pois é revendo, revisitando, reescrevendo e relendo o texto que o aluno irá adquirir a norma-padrão. É estimulando este aluno na prática da oralidade que ele irá desenvolver o pensar, o articular. É exercitando que se aprende e se dá vida à língua materna.

Constatou-se que quanto mais textos diferentes os alunos lerem, mais verão as inúmeras formas de falar, verificando que não há uma forma superior de expressão, pois, em um país diverso e múltiplo como o Brasil, muitas são as apaixonantes formas de manifestação linguística.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da Gramática**. Por um ensino de línguas em pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Loyola, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na Escola**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Gramática de Usos**. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.